

"Ars Nova", Ars Pulchra

Evonira MENDES

SÃO PAULO comemorava com estrondo seus 400 anos, quando surgiu sem alarde um movimento de arte. Sem alarde o movimento cresceu e por isso é preciso que ao som de caixa e tambor se divulgue o que fez e o que continua fazendo.

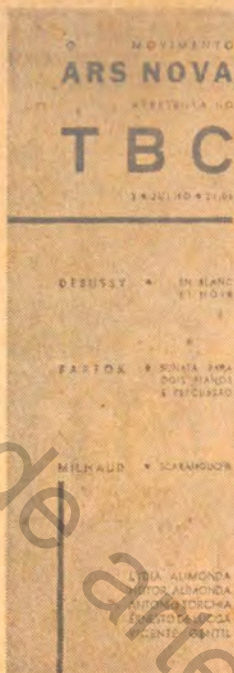
Nascido para desenvolver e difundir a cultura musical, tem feito muito mais que isso, assumindo os que não acreditavam na vitória de um grupo de pessoas que ansejavam sair da rotina que se tornou tradição nos concertos e estabelecimentos de ensino musical, um programa de divulgação com preferência pela "música contemporânea em todas as suas formas e manifestações, assim como pela música medieval e renascentista" e "não fazer para esse fim concessões na seleção de intérpretes e programas".

Era de pasmar essa parte do manifesto e, se na ocasião tivéssemos sabido desse ideal, entre outros, teríamos exultado, cheios de esperança na sua realização, enquanto lutávamos com essa mesma incompreensão e tradição que impossibilitava inovações no curso de História da Música que havíamos dado por um ano no Conservatório Dramático e Musical desta cidade. Na época não podíamos recorrer a outros recursos senão o da audição de discos e filmes como um mínimo necessário para acompanhar o estudo da Idade Média, Renascença e Modernismo.

Hoje temos um movimento que se dedica a esses períodos, e não é sem razão, uma vez que praticamente não entram nos programas de História, ou, se entram, é como citação, deformando e influenciando o gosto do público que se volta somente para o classicismo e romantismo rançosos. Fora disso, parece que não existiu música.

Hoje, os componentes da ARS NOVAS abrem um mundo desconhecido da interpretação, que na época teria sido um complemento indispensável a um trabalho eficiente e, se alguém disser que nunca ouviu um Organum, uma canção de Upsala, rondós de Adam de la Halle, Gesualdo ou Dunstable, Alban Berg, Schoenberg ou Anton Webern, será por falta de orientação ou conhecimento.

Seus espetáculos são organizados com o maior cuidado, seja na interpretação honesta e inteligente, seja na escolha das vozes e dos instrumentistas; o gosto estético do espetáculo atinge até a composição gráfica dos programas. Um dos grandes meritos do conjunto é o combate à improvisação e a tudo que é feito empiricamente. E no Brasil, com raras exceções, tudo é feito com um ou outro desses expedientes. E



O gosto estético atinge até a composição gráfica dos programas dos espetáculos

um trabalho árduo, sem grande glória no princípio, especialmente no que se refere ao grande público, mas já faz sentir sua influência entre jovens universitários, estudantes de música e de teatro, no sentido de seu reconhecimento como trabalho honesto e de valor, que não visa outra recompensa a não ser essa, que é a única verdadeira na arte.

Toda nova apresentação é sempre mais perfeita. Recentemente, no recital de poesia e música concretas, podia-se apreciar o bom gosto da organização, boa escolha das poesias e da música, moderna técnica de interpretação e adaptação adequadas dos timbres das vozes, além da divulgação de uma tendência modernista que, não sendo novidade, praticamente não era conhecida do público. Esse recital provocou críticas e comentários de toda espécie, revelando o espírito reacionário de gente que se julga de vanguarda, mas acima de qualquer crítica fica o merito de ser um movimento que, dentro de tanto abuso de novidades, tanto charlatanismo, se conserva puro aos princípios da arte que se propôs no primeiro dia e daí partiu para um progresso constante. Enfim, atrás daquele bom gosto da apresentação, estava um trabalho consciente que resultou num grande espetáculo. Mas o gosto anda tão

deturpado ou atrasado por aqui, que alguns não conseguiriam mais do que ter vontade de rir. Infelizmente, essa é uma reação natural num público não acostumado a espetáculos de vanguarda. No entanto, não assusta ninguém essa recepção aos grandes e bons movimentos.

Isso já aconteceu com o movimento modernista de 22, com os elementos do Clube dos Artistas Modernos e vai se firmando a tradição por aí a fora.

A curiosidade, não só pelo moderno, mas especialmente pelo antigo que não é divulgado, deve ser cultivada e desenvolvida. São medíocres o público e o artista que se contentam e se entusiasmam exclusivamente com os clássicos e românticos, dos quais, quase sempre, são escolhidos os piores. E isso há anos vem formando um círculo vicioso que não tem parada. Só se consagram dois ou três modernistas.

Por tudo isso, deve-se dar um apoio sem limite ao Movimento Ars Nova, uma alegria e uma esperança dentro da monotonia nacional.

O trabalho que vem fazendo é desprezido, lindo e necessário. A recompensa para os que se empenham numa realização verdadeira de ideal artístico é que, enquanto o bri-

lho efêmero da mediocridade se torna ridículo em poucos dias, cresce sobre eles a chama com o passar dos anos.

Isso é o que deles restará. Não há o que temer se têm capacidade para o sonho e o ideal, se descobrem a beleza das coisas e querem ensiná-la. Ninguém pode rejeitar essa dádiva.